



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

GT 03 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

APROPRIAÇÃO, DISSEMINAÇÃO E DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA ORGANIZAÇÃO DE MULHERES NEGRAS DA PARAÍBA - BAMIDELÊ

APPROPRIATION, DISSEMINATION AND DEMOCRATIZATION OF ETHNIC-RACIAL INFORMATION IN THE ORGANIZATION OF BLACK WOMEN OF PARAIBA – BAMIDELÊ

Leyde Klebia Rodrigues da Silva¹, Mirian de Albuquerque Aquino², Edvaldo Carvalho Alves³, Gisele Rocha Côrtes⁴

Modalidade da apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Analisa os processos de apropriação, disseminação e democratização da informação étnico-racial na organização de mulheres negras da Paraíba (Bamidelê). De natureza qualitativa e de tipo descritiva, tem como recorte empírico a Bamidelê e, como sujeitos, as mulheres negras que compunham sua coordenação. Para a coleta de dados utilizou entrevistas semiestruturadas e, para a análise, a Análise de Conteúdo (AC). Os resultados mostraram que a apropriação, disseminação e democratização da informação étnico-racial realizada pela Bamidelê objetivam atingir vários setores e públicos distintos da sociedade utilizando, para isto, canais e fontes de informação tradicionais e contemporâneas. Além disto, o trabalho iniciado pela Bamidelê mudou significativamente o cenário paraibano, principalmente na luta contra o racismo e o sexismo, desempenhando um papel importante para disseminação e democratização da informação étnico-racial.

Palavras-chave: Disseminação e Democratização da informação. Apropriação da Informação. Informação étnico-racial. Bamidelê.

¹ Doutoranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia-IBICT. Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba. graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba.

² Pós-Doutorado na Universidade de Barcelona (UB/Es). Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1998). Mestrado em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutorado na Universidade de Barcelona (UB/Es). Graduação em Licenciatura em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

³ Professor Adjunto IV do Departamento de Ciência da Informação - DCI/ UFPB e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCI/UFPB. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba. Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos. Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos. Professor Adjunto IV do Departamento de Ciência da Informação - DCI/ UFPB e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCI/UFPB.

⁴ Graduada em Pedagogia e em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Doutorado e Mestrado em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora adjunto II do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba.

Abstract: *Analyzes the processes of appropriation, dissemination and democratization of ethnic and racial information in the organization of black women of Paraiba (Bamidele). Qualitative and descriptive nature, is empirical cut the Bamidele and as subjects, black women who made up their coordination. To collect data and semi-structured interviews for the analysis, the Content Analysis (CA). The results showed that the ownership, dissemination and democratization of ethnic and racial information held by Bamidele aim to achieve several distinct sectors of society and public using, for this, channels and sources of traditional and contemporary information. In addition, the work started by Bamidele significantly changed the Paraiba scenario, especially in the fight against racism and sexism, playing an important role in dissemination and democratization of ethnic and racial information.*

Keywords: *Dissemination and democratization of information. Appropriation of Information. Ethnic-racial information. Bamidelê.*

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI) é uma área do conhecimento que, por essência, realiza investigações sobre o funcionamento dos processos de apropriação, organização, disseminação, acesso, uso e democratização da informação para todas as áreas, setores e pessoas da sociedade. Entretanto, essa configuração econômica, social e política da informação na CI ainda tem sido antagônica à estabilidade social, educacional e informacional bem como a autonomia e a qualificação, pois, muitas vezes, os resultados das investigações são acessíveis apenas a uma parte do segmento sociedade, sobretudo, quando debruçamos nosso olhar em questões que dizem respeito à população negra.

No Brasil, o acesso a informação se dá num contexto de profunda desigualdade sócio econômica e cultural, diversos grupos não têm acesso a informações confiáveis ou têm acesso restrito. Este é o caso dos negros/as, estatísticas revelam que uma grande parcela destes não tem acesso à informação no que concerne à sua contribuição na formação histórica e cultural da sociedade brasileira (IBGE, 2013). Em sua maioria, a escola é segregacionista e privilegia os assuntos que são predominantemente eurocêntricos. Somente depois de um século da Abolição da Escravatura o Governo Brasileiro reconheceu o racismo devido às reivindicações dos movimentos negros.

A partir da década de 1970 o Movimento Negro Brasileiro adotou estratégias de denúncia aberta à discriminação racial e ao racismo no Brasil, incidindo em um consenso entre intelectuais negros(as) de que a raça se constituía um conceito organizador das relações sociais no Brasil. Destarte, passou-se a pautar a importância de participarem da elaboração e do conteúdo da Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com o objetivo de desconstruir a ideologia da democracia racial reeditada, até então, na orientação de leis e diretrizes das políticas públicas (RODRIGUES, 2005).

Essas estratégias resultaram na III Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Conexa realizada na cidade de Durban, África do Sul, entre os dias 31 de agosto e 8 de setembro de 2001. Desde então, o Brasil assumiu um posicionamento de criar políticas públicas para enfrentar o preconceito, a discriminação e o racismo, iniciativas estas que culminaram com a implementação da Lei 10.639/2003, que obriga o ensino da história e cultura afro-brasileira no currículo oficial da rede de ensino.⁵

⁵ De acordo com a Síntese de Indicadores Sociais de 2010 (SIS), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais da metade da população brasileira (51,1%) é classificada como preta e parda. Ainda assim, a proporção de estudantes negros/as e pardos/as entre 18 e 24 anos que cursam Ensino Superior continua sendo bem menor que a de brancos/as na mesma faixa etária. No ano de 2009, 62,6% de estudantes brancos entre 18 e 24 anos estavam na universidade, 28,2% negros/as e 31,8% pardos/as. A diferença também é grande entre as pessoas de 25 anos ou mais com Ensino Superior concluído. Em 2009, 4,7% dos pretos/as e 5,3% dos/as pardos/as nesta faixa etária tinha diploma de ensino superior, 15% brancos/as. Essa

No entanto, os/as negros/as ainda são excluídos/as dos diversos setores da sociedade da informação/conhecimento/aprendizagem e coexistem com o mito da democracia racial que, “em grande medida, fora e ainda é um ideário importante para amainar e coibir preconceitos” (GUIMARÃES, 2006, p. 269).

Em razão disso, uma parcela significativa dos setores dominantes continua negando a importância da raça como um fator gerador de desigualdades sociais (SILVÉRIO, 2002). Entretanto, em oposição a esta postura, ativistas, militantes e intelectuais negros/as tendem a anunciar e reafirmar a importância dessa categoria na compreensão da realidade nacional⁶ é o caso da Organização de Mulheres Negras da Paraíba (Bamidelê).

Organização não governamental e parceira do Movimento Negro Organizado da Paraíba (MNOPB) e de outras entidades⁷, foi fundada em 2001, sendo composta, fundamentalmente, por mulheres negras, com o fim de promover ações sociais no sentido de contribuir para reverter o quadro da situação dos negros(as) em nossa sociedade. Isto tem sido feito, principalmente, por meio da elaboração e organização de informações que visam a formação de atores sociais, realizações de encontros, celebrações e manifestações públicas, além da divulgação de suas atividades através dos meios de comunicação (AQUINO, 2010). Assim, a Bamidelê, vem servindo como uma fonte de informação para conhecimento da história e da cultura da população negra, sobretudo, das mulheres.

A pesquisa está ancorada em uma abordagem de natureza qualitativa, pois se propõe a compreender interpretativamente os sentidos/significados atribuídos pelos (as) agentes as suas ações, que se encontram inscritos em seus discursos. Uma vez que a pesquisa qualitativa, de acordo com Alves e Aquino (2010), seria “[...] uma práxis que visa a compreensão, a interpretação e a explicação de um conjunto delimitado de acontecimentos que é a resultante de múltiplas interações, dialeticamente consensuais e conflitivas, dos indivíduos, ou seja, os fenômenos sociais.

Partindo desta perspectiva, delimitou-se como campo empírico da pesquisa a Organização de Mulheres Negras da Paraíba – Bamidelê, pois esta organização se posiciona

desigualdade racial também é refletida nos níveis mais básicos de educação. A proporção de analfabetos/as nas populações negras e pardas é de, respectivamente, de 13,3% e 13,4%, enquanto a proporção de brancos/as analfabetos/as é de 5,9% (IBGE, 2013).

⁶ Estudos evidenciam os reflexos negativos da intersecção entre as desigualdades de raça e gênero, as mulheres negras em média, ganham menos que os homens brancos, as mulheres brancas e os homens negros, possuem menor acesso à educação, com índices reduzidos de participação na educação superior e na pós-graduação, por exemplo. (SILVA, GOES, 2013). De acordo com o Mapa da Violência (WAISELFISZ, 2015) o número de mulheres negras mortas cresceu 54% em 10 anos (de 2003 a 2013), enquanto que o número de mulheres brancas assassinadas caiu 10% no mesmo período.

⁷ Comunidades descendentes de antigos Quilombos (Caiana dos Crioulos, Zumbi etc); grupos artísticos (Banda YlêOdara, Bateria Show da Escola de Samba Malandros do Morro, Grupo de Danças Afroprimitivas, Grupos de Hip-hop); grupos de formação (alfabetização, reflexão, professores, intelectuais negros e outros) entre outras formas de organização (MNPB, 2010).

como porta-voz da população negra, especificamente das mulheres negras, e obtém a valorização da identidade de membros socialmente marginalizados que “construíam suas significações e manifestavam seu pertencimento” (FERNANDES, 2009, *online*).

Os sujeitos participantes desta pesquisa foram 4 (quatro) mulheres que compõem a coordenação/direção da Bamidelê. Para a coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada pois, segundo Minayo (2005), o sujeito tem uma participação ativa e o/a pesquisador/a pode fazer perguntas adicionais para esclarecer questões que visem a uma melhor compreensão do objeto de análise⁸. E, para a análise dos dados, utilizamos a Análise de Conteúdo (AC).

Desta forma, busca-se, neste artigo, analisar como ocorrem os processos de apropriação, disseminação, e democratização da informação étnico-racial nesta organização. Para tanto, encontra-se dividido em quatro seções: na primeira, a introdução, contextualiza-se o problema de pesquisa e é apresentado o objetivo do trabalho; na segunda, fundamenta-se o escopo teórico a partir dos conceitos de apropriação, disseminação e democratização da informação étnico-racial; na terceira, apresenta-se os resultados e discussões pautados na voz das mulheres negras da Paraíba que compõe a direção da Bamidelê; e por fim, a quarta, as considerações finais, retomam-se as reflexões do estudo, ressaltando seus achados apontando algumas de suas limitações, que podem vir a servir de ponto de partida para novas investigações.

3 APROPRIAÇÃO, DISSEMINAÇÃO E DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

O objeto deste estudo demanda que se trabalhe com a informação étnico-racial incorporando um conceito que agrega duas especificidades: uma diz respeito aos conteúdos disponibilizados nos diversos suportes informacionais e outra refere à potencialidade do modo como o conhecimento é produzido acerca dos fundamentos sociais, históricos, políticos e culturais de um grupo étnico (OLIVEIRA, 2010). Sendo assim, essas especificidades nos direcionam para as vertentes da apropriação, disseminação e democratização da informação a serem discutidas nesta pesquisa.

Supondo que os processos de apropriação, disseminação e democratização da informação étnico-racial, quando incorporados por entidades como a Bamidelê, podem servir para reforçar os canais de luta em favor da população negra, eles reafirmam os objetivos traçados pela Ciência da Informação desde a sua primeira formulação surgida a partir de trabalhos apresentados no “Georgia Tech” que, segundo Robredo (2003) dialogando com Shera

⁸ No item 4, onde serão apresentados os resultados encontra-se um detalhamento mais aprofundado do modo como foram realizadas as entrevistas e como foram construídas as categorias para a análise do discurso do sujeito coletivo.

e Cleveland (1977), reafirma que a CI “[...] investiga as propriedades e comportamentos da informação, as forças que regem o fluxo da informação e os meios de processamento da informação para um máximo de acessibilidade e uso” (ROBREDO, 2003, p. 55).

Tais processos correlacionam-se com discussões mais contemporâneas que defendem a ideia da CI como uma ciência social que se debruça sobre “as questões científicas” e a prática profissional cuja finalidade é abordar “os problemas da efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação [...]” (SARACEVIC, 1996, p. 47). Nessa perspectiva, ela teria, também, a responsabilidade de, por meio de pesquisadores/as dessa área, resolver e/ou buscar soluções por meio da informação para atender aos problemas relacionados ao racismo, discriminação e preconceito que afetam os/as negros/as na sociedade da informação-conhecimento-aprendizagem. Sendo assim, é importante conhecer o contexto sociocultural das mulheres negras, atuar como agente de disseminação e ser facilitador/a do uso da informação no sentido de incluir aqueles/as que se encontram às margens dessa sociedade e desvinculados/as do exercício da democracia.

3.1 APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

De acordo com Serfaty-Garzon (2003, tradução nossa), a noção de apropriação veicula duas ideias dominantes: 1) diz respeito a adaptação de algo ou alguma coisa como meio para se atingir um fim; e, 2) como desdobramento da primeira, seria uma ação direcionada a produção de algo ou alguma coisa.

Ainda, segundo esta autora, a apropriação não é possível senão em relação a qualquer coisa que pode ser atribuída e, enquanto tal, pode, ao mesmo tempo, servir de suporte à intervenção humana e ser possuída. Para ela, a apropriação se configura como uma captura do objeto e uma dinâmica de ação sobre o mundo material e social com uma intenção de construção do sujeito. Sendo a apropriação fruto de algo que passa pela moral, cognição e emoção do indivíduo, pois independente da propriedade legal, a coisa apropriada ainda pode ser sobreposta ao indivíduo, “sem um pré-requisito nem uma consequência necessária” (SERFATY-GARZON, 2003, p. 2, tradução nossa). Portanto, para essa autora, a apropriação é uma apreensão do objeto, uma ação dinâmica no mundo material e uma intenção que auxilia na construção do sujeito⁹ (SERFATY-GARZON, 2003).

Outro autor que também apresenta o conceito de apropriação é Chartier (1999, p. 77). Segundo este, “apropriar-se é transformar o que se recebe em algo próprio, é produzir um ato de

⁹ Citação original: “*l'appropriation est ainsi à la fois une saisie de l'objet et une dynamique d'actionsurle monde matériel et social dans une intention de constructiondusujet*” (SERFATY-GARZON, 2003, p. 2).

diferenciação que se contrapõe a qualquer tentativa rígida imposta [...], é atividade de invenção, produção de significados” (CHARTIER, 1995, p. 6). Em sua obra, “A História Cultural: entre práticas e representações”, ele coloca a apropriação como um processo entre o texto¹⁰ e o sujeito que lê, como uma “teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova forma de compreensão de si próprio e do mundo” (CHARTIER, 1999, p. 187).

Chartier (1995) esclarece que os agenciamentos discursivos e as categorias que os fundam, como os sistemas de classificação, os critérios de recorte e os modos de se representar não se reduzem absolutamente às ideias que enunciam ou aos temas que contêm, mas têm sua lógica própria, que pode muito bem ser contraditória, em seus efeitos, como letra da mensagem.

Na área da CI, presencia-se uma busca no sentido de capacitar o(a) futuro(a) profissional para auxiliá-lo(a) a compreender o valor da informação e reconhecer sua importância política, social, econômica e cultural. Trata-se de contribuir com os conhecimentos de áreas que lidam com a informação e podem ser articulados aos conhecimentos da educação, numa perspectiva interdisciplinar, auxiliando no exercício da cidadania (AQUINO, 2010). Essa tarefa requer a apropriação da informação.

3.2 DISSEMINAR PARA DEMOCRATIZAR

A disseminação da informação é comumente interpretada como equivalente à de difusão ou mesmo de divulgação. Esta última “assume formas variadas, dirigidas ou não que geram inúmeros produtos e serviços, dependendo do enfoque, da prioridade conferida às partes ou aos aspectos da informação e dos meios utilizados para sua operacionalização” (LARA; CONTI, 2003, p. 26).

Como já é consenso na área da CI, a disseminação da informação, “para aqueles que dela necessitam é uma responsabilidade social, e essa responsabilidade social parece ser o motivo real” de sua existência. (WERSIG; NEVELLING, 2007, *online*)

Para Aquino (2010), a disseminação da informação étnico-racial é também uma responsabilidade ético-social da CI. Acreditamos, nesse sentido, que “disseminar” a informação étnico-racial não é suficiente para alcançar os objetivos de responsabilidade ético-social da CI, mas faz-se necessário também que essa área democratize e preserve essa informação. Consequentemente, para democratizar é imprescindível ampliar o acesso dos/as cidadãos/ãs aos diversos tipos de informação, a fim de que se apropriem dos conteúdos materiais, históricos e culturais produzidos pela humanidade ao longo da vida (AQUINO, 2010). O que acontece é

¹⁰ Aqui entendemos o *texto*, no seu sentido mais amplo, seja ele, obras literárias ou extraliterárias, artísticas e não artísticas, impresso ou digital.

que, por muito tempo, os conteúdos históricos de descendência africana “foram sepultados, mascarados em coerências funcionais ou em sistematizações formais” (FOUCAULT, 1979, p. 170) e/ou oficializadas pela história oficial de forma equivocada.

uma coisa inteiramente diferente: uma série de saberes que tinham sido desqualificados como não competentes ou insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível requerido de conhecimento ou de cientificidade (FOUCAULT, 1979, p. 170).

Com o reconhecimento do racismo pelo Estado Brasileiro, o ativismo negro luta pela promoção das igualdades e as leis¹¹, bem como “o reaparecimento dos saberes que estão embaixo – saberes não qualificados, e mesmo desqualificados” (FOUCAULT, 1979, p. 170). Os(as) ativistas questionam os conteúdos da história oficial dogmatizadas nas instituições educativas, instigando os(as) pesquisadores(as) para começarem a narrar outra história, dar visibilidade a negros/as, produzir conhecimento e debaterem nos simpósios, colóquios e seminários. Na verdade, tenta-se desconstruir “o negro como objeto de escapelação” contruído na e pela literatura e pelos chamados ‘antropólogos’ e ‘sociólogos’, para distinguir as expressões “tema do negro” e “vida do negro”. Nesse sentido, o sociólogo Guerreiro Ramos projeta essa desconstrução, afirmando que:

O negro-tema é uma coisa examinada, olhada, vista, ora como mumificado, ora como ser curioso, ou de qualquer modo como um risco [...] e o negro-vida é , entretanto, algo que não se deixa imobilizar; é despistador, protético, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã o que não é hoje (RAMOS, 1995, p. 215).

Essa compreensão direciona-nos para a ideia de “cultura democrática” que, segundo Touraine (1996, p. 29),

[...] só pode surgir se a sociedade política é concebida como uma construção institucional cujo objetivo principal é combinar a liberdade dos indivíduos e coletividades com a unidade da atividade econômica e das regras jurídicas. [...]. A cultura democrática define-se como um esforço de combinação entre unidade e diversidade, liberdade e integração. [...]. É preciso cessar de opor, retoricamente, o poder da maioria aos direitos das minorias.

Democratizar a informação é a condição fundamental para o exercício da soberania popular. O direito ao acesso à informação é de grande importância para uma sociedade ser

¹¹ A Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"; A atualização desta, para a Lei 11. 645, de 10 de março de 2011 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”; A Lei n. 7.716, de 5 de janeiro de 1989 que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor; E, mais recente a implementação da Lei de Cotas raciais e sociais (Lei nº 12.711/2012) nas universidades e institutos federais

democrática, educada e informada, pois esse acesso tem o propósito de desenvolver o potencial criativo e intelectual dos indivíduos e dar sentido às ações dos seres humanos no cotidiano, permitindo-lhes o exercício de cidadania (FERREIRA, 2003).

As entidades e as organizações que atuam e trabalham diretamente com a disseminação e a democratização da informação étnico-racial, em geral, são os movimentos negros. Tais organizações objetivam reativar a noção de pertencimento, de identidade grupal e agir em prol de sua inclusão. As ações dos Movimentos Negros operam na reversão desse quadro, em que os sujeitos estão imbuídos de um engajamento convergente para a “vontade de mudança e reapropriação da sociedade” (TOURAINÉ; KHOSROKHAVAR, 2004, p. 159).

Entende-se que, para além do processo de disseminação da informação, está a democratização. Sobre essa questão, Demo (2000, p. 39) afirma que “já é comum a queixa de que estamos entupidos de informação, cercados de um bombardeio do qual já não temos qualquer controle”. A partir das conjecturas desse autor podemos perceber o caráter excessivamente manipulativo da informação hoje. “A sociedade continua bastante “desinformada”, seja porque lhe chega tendencialmente informação residual, ou porque se lhe impõe informação oficial, ou porque se entope atabalhoadamente” (DEMO, 2000, p. 40). Nesse sentido, democratizar a informação nos parece uma tarefa arduo, pois implica em desconstruir as receitas prontas e provocar o desafio de criar, mudar, refazer e reaprender.

4 BAMIDELÊ: RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Como já foi dito anteriormente, a Bamidelê é uma organização não governamental composta por feministas negras, fundada em 2001. Tem como missão e projeto político contribuir para a eliminação do racismo e sexismo, buscando a equidade de gênero numa perspectiva étnico-racial.

Essa organização tem por princípios: construção de uma sociedade justa e democrática; defesa dos direitos humanos, o respeito às diferenças e o combate à pobreza e a todas as formas de violências, opressão, discriminação ou exclusão, tais como as de gênero, raça, etnia, classe, orientação sexual, religiosa, política, geracional ou relativa às pessoas com deficiência; respeito aos princípios éticos de transparência e imparcialidade em sua gestão; e defesa dos direitos humanos e empoderamento das mulheres, jovens e adolescentes, bem como o fortalecimento de suas organizações (BAMIDELÊ, 2013).

As atividades desenvolvidas pela Organização abrangem desde ações educativas e formativas como cursos, palestras, campanhas, oficinas, feiras de saúde, capacitações, rodas de

diálogos, seminários e produção de material didático com foco nas temáticas de saúde (sexual, reprodutiva e da população negra), educação, direitos sexuais, direitos humanos e ações afirmativas e, também, o controle social de políticas públicas, mobilização social e ações de fortalecimento político dos movimentos negro e feminista (BAMIDELÊ, 2013).

O público atendido pela Bamidelê é, em sua maioria, mulheres negras, jovens e adolescentes de comunidades, movimentos e escolas das zonas urbana e rural da Paraíba, com destaque para a comunidade remanescente de quilombo Caiana dos Crioulos, em Alagoa Grande/PB.

Diante do exposto, apresentam-se a análise/interpretação das práticas sociais que supõe a aplicação de técnicas e/ou procedimentos de coleta e tratamento de dados numa perspectiva qualitativa.

Adotou-se, como ressaltado anteriormente, a entrevista, de caráter semiestruturado, que serviu de “orientação e guia para o andamento da interlocução, [permitindo uma] flexibilidade nas conversas e absorção de novos temas e questões trazidas pelo interlocutor como sendo de sua relevância” (SOUZA et al, 2005, p. 136). O roteiro para a realização das entrevistas constou de duas partes: A primeira, investigou os “Dados de identificação” (nome, profissão, escolaridade, idade, cargo e o tempo de participação da ativista na ONG), enquanto a segunda foi constituída por meio de questões abertas analisadas separadamente, que buscavam capturar os dados que possibilitassem atingir o objetivo proposto. A partir disto, efetuou-se a seleção das principais categorias de cada resposta, reunindo-as por “semelhança semântica”. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006), Em seguida, adotou-se alguns passos do processo de análise sugerido por Lefèvre e Lefèvre (2003), a saber: Analise, isoladamente, das respostas de cada uma das questões formuladas e inserção dos dados observando nos conceitos operacionais para que, com isto, fosse possível exemplificar a análise; Identificou-se e escreveu-se as ideias centrais; Estabeleceu-se as categorias, tendo como base as ideias centrais; E, por fim, agrupou-se as categorias formadas a partir dos discursos coletados.

Os sujeitos da pesquisa foram legendados como Sujeito A, B, C e D, para identificar as mulheres que compõem a organização da Bamidelê, como forma de garantir o anonimato¹².

4.1 ENTREVISTAS

¹² Foi entregue a todas entrevistadas junto com o roteiro da entrevista, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para fins de publicação e divulgação dos dados discursivos.

As entrevistas foram feitas na sede da Bamidelê, na cidade de João Pessoa-PB. Antes de iniciar cada entrevista, fizemos uma breve explicação sobre o tema da pesquisa e seus objetivos, com o propósito de situar os sujeitos no contexto do objeto de estudo. Todas as entrevistas foram gravadas face-a-face, com a utilização de um gravador, que converte no formato mp3.

A seguir, apresenta-se o perfil dos sujeitos individuais traçados por meio na primeira parte do roteiro de entrevista “Dados de identificação”:

- a) **Sujeito A:** É estudante. Cursa Relações Públicas pela UFPB. Tem 24 anos. Participa há 2 (dois) anos e meio da Bamidelê e seu cargo na ONG é Assistente de Comunicação;
- b) **Sujeito B:** É Assistente Social. Tem Pós-Graduação (Mestrado em Direitos Humanos). Tem de 34-41 anos. Atua na Bamidelê há 10 (dez) anos. E sua função na entidade é de Coordenação Executiva;
- c) **Sujeito C:** É professora universitária. Tem Pós-graduação (Doutorado). Tem mais de 42 anos. Participa há 11 (onze) anos da Bamidelê, na qual ocupa o cargo de Diretora;
- d) **Sujeito D:** Também é professora universitária. Tem Pós-graduação (Doutorado). Tem mais de 42 anos. Participa há 13 (treze) anos da Bamidelê. E ocupa o cargo de Coordenadora Executiva.

Pelo acima exposto, pode-se fazer uma análise preliminar: as mulheres que coordenam a Bamidelê além da experiência com movimentos sociais, três delas tem mais de 10 anos de participação na ONG, também possuem alto nível intelectual/educacional.

A seguir, são apresentados os blocos de enunciados (falas) das quatro participantes da pesquisa, extraídos do corpus de dados discursivos, que foram transcritos, literalmente, considerando os micros marcadores inerentes ao discurso oral.

4.1.1 Fontes informacionais utilizadas pela Bamidelê para disseminação da informação étnico-racial

Iniciando a primeira interlocução, a fim de atender aos objetivos da pesquisa, perguntamos: Quais são as ferramentas utilizadas pela Bamidelê para disseminar a informação étnico-racial produzida e/ou apropriada pela organização?

Depois de identificadas as ideias centrais, foi possível extrair três categorias referentes às fontes utilizadas pela Bamidelê para disseminar a informação étnico-racial, como visto abaixo:

- Categoria 1** – Fontes formais (livros, revistas/periódicos, fontes científicas);
- Categoria 2** – Fontes informais (cartilhas, adesivos, folders, banners, etética afro e oralidade);
- Categoria 3** – Fontes web (*Facebook, twitter, blog, e-mail*).

Discurso1: No que se diz respeito aos impressos, a Bamidelê tem algumas publicações, têm cartilhas, adesivos, folders, banners, entre outros. Assim como as camisetas, tecidos afros, oralidade e a estética afro para transmitir essa mensagem política da Bamidelê, têm os livros, as revistas, fontes científicas. E no que se diz respeito à internet, são usados meios de comunicação como redes sociais, *Facebook*, *Twitter*, blog e e-mail, da instituição. Esses são os instrumentos atuais que nós produzimos para disseminar as opiniões da Bamidelê, o posicionamento político, entre outras.

Pode-se dizer, assim, que as fontes de informação utilizadas pela Bamidelê buscam atingir vários setores e públicos da sociedade em geral, pois, ao recorrer às fontes formais como os livros e revistas “que confirmam qualquer conhecimento que permitam ser incluídas numa determinada compilação bibliográfica” (CUNHA, 2001, p. 8), essas fontes tem uma existência duradoura e dependem basicamente da visão que proporciona ao seu público a possibilidade de reprodução ilimitada a essas fontes. As fontes de informação são responsáveis por carregar e armazenar a informação, ou seja, são qualquer recurso que gere ou veicule informação, incluindo produtos e serviços de informação, pessoas ou rede de pessoas, programas de computador etc. que influencie na geração do conhecimento e do aprendizado (SILVA, 2010).

Nesse sentido, observa-se a necessidade de uma boa estrutura do veículo de comunicação através da legibilidade do texto. Entendendo que as fontes de informação formais ficam disponíveis, por longos períodos de tempo, para um público amplo.

Ao utilizar fontes informais, (cartilhas, adesivos, folders, banners, estética afro e oralidade), a ONG possibilita acesso a um público diversificado, pois as fontes informais, como o próprio nome revela, dispensam a formalidade de seu registro. Elas são representadas e exemplificadas através de contatos pessoais, cartas, comunicações orais e mensagens não verbais. As fontes informais ainda apresentam as seguintes características: fácil acesso, resposta imediata. Além disso, conduz informação sobre o que está acontecendo no andamento dos fatos ou até em estágio de ideia, minimiza ruído e permitem a crítica construtiva, orientada para o(a) usuário(a), reduzindo barreiras de comunicação e dissemina informações que, de modo geral, não seriam encontradas nas fontes formais (ARAÚJO, 1979).

Ao fazer uso do que de foi denominado de Fontes *web* (*Facebook*, *blog*, *e-mail*) (SILVA, 2010), a entidade multiplica de forma exponencial o acesso a essas informações, ampliando, diversificando e as tornando cada vez mais eficientes, rápidas e abrangentes, vencendo barreiras geográficas, hierárquicas e financeiras (CAMPELLO; CENDÓN;

KREMER, 2000). Algumas dessas fontes caracterizam-se por uma mixagem das fontes formais e informais, citadas acima. Outras fogem completamente a qualquer classificação prévia, porque são resultados do dinamismo no design característico da Internet.

Uma das mais importantes características dessas fontes é serem centradas no/a usuário/a, possibilitando a mudança de funções, paradigmas e da própria cultura, que podem ser frequentemente atualizados e são fáceis de manter e acessíveis em qualquer computador ou aparelho com conexão à Internet. Também podem fazer ligações entre si, permitindo a troca de ideias e estimulando a geração e o compartilhamento do conhecimento.

4.1.2 As fontes utilizadas pela Bamidelê que ultrapassam barreiras

Em relação à segunda pergunta: Como essas informações chegam até as mulheres negras que são assistidas pela ONG, que não dispõem dos canais descritos acima? As participantes da pesquisa assim se posicionaram:

As ideias centrais do segundo bloco de dados discursivos permitiram extrair duas categorias relacionadas ao uso das fontes utilizadas que ultrapassam as barreiras.

Categoria 4 –Ações (eventos, reuniões, oficinas, encontros e etc.) como fonte para disseminação da informação étnico-racial;

Categoria 5 – Internet.

Discurso2: A Bamidelê sempre manteve a troca de informações, através das oficinas, dos seminários, dos eventos, e também pelo conhecimento popular em um processo de retroalimentação. As mulheres que trabalham conosco elas têm já acesso a internet assim como a televisão, que indiretamente a gente utiliza. E quando nós realizamos as atividades, na comunidade Quilombola, materiais são produzidos, e essa interação ela acontece, mesmo com a dificuldade do acesso. Mas nas comunidades Quilombolas, hoje elas já têm acesso a computador, e isso facilita a circulação da informação.

Verifica-se que a Bamidelê é uma organização proativa com uma participação importante e marcante nos eventos. Sempre trabalhando em conjunto, de forma que o seu público consiga ter acesso ao material que é produzido e demonstrando uma participação ímpar na luta em prol da visibilidade de cultura e da história africana.

O processo de disseminação da informação étnico-racial para aquelas que não têm acesso às fontes tradicionais de informação é feito através das ações realizadas pelo Bamidelê. Dessa forma, com o acesso a essas informações, esse público tem a possibilidade de vivenciar a sua cultura e, conseqüentemente, construir uma identidade cultural solidificada a partir da interação contínua das experiências vivenciadas em grupo.

Percebe-se que a atuação do grupo na internet também foca esse público, pois mesmo com as dificuldades no que concerne ao acesso, atualmente, a internet figura como uma das

principais fontes utilizadas pela organização, pois possibilita ao(as) usuário(as), entre outras funções, selecionar, receber, tratar e enviar qualquer tipo de informação, por meio de ambientes propícios e extremamente favoráveis à circulação dessas, em uma dimensão jamais vista.

4.1.3 A informação para as mulheres negras

Prosseguindo a interlocução com os participantes da pesquisa, a terceira pergunta buscou saber como a organização trabalha essa informação para que ela atenda as especificidades e particularidades das mulheres negras?

Nessa interlocução foi possível formular uma categoria, que permitiu entender como organização trabalha a informação étnico-racial de acordo com as especificidades e particularidades das mulheres negras:

Categoria 6 – A informação é trabalhada do geral ao específico;

Discurso3: A gente considera o publico, e o local, dando o recorte. A gente faz o geral, mas a gente trabalha de modo específico na questão das mulheres negras, buscando essa especificidade nos vários temas dentro das relações raciais.

Os sujeitos que dominam o conhecimento são responsáveis por repassar a informação, mas nem sempre para a população que vive à margem da sociedade. A população negra (considerada marginalizada) é marcada por essa falta de acesso, em geral, invisibilizada por aqueles/as que detêm essa informação e se apropriam dela apenas para o próprio saber, sem se preocupar com aqueles/as que dela necessitam.

Nessa questão, o discurso mostra que as ações da Bamidelê sempre estão voltadas para as especificidades e particularidades da mulher negra, mesmo até quando são convidadas a se pronunciar sobre questões mais gerais como: racismo, saúde, cotas, trabalho e outros. Essa atitude pode ser analisada como uma forma de combater o machismo impregnado na cultura da humanidade que vem de uma história de violação colonial perpetrada pelos senhores brancos contra as mulheres negras. Isso está na origem de todas as construções de nossa identidade nacional, estruturando o decantado mito da democracia racial. Observa-se, também, que em todo esse contexto de conquista e dominação, a apropriação social das mulheres é um dos momentos emblemáticos de afirmação em prol não apenas das questões raciais, mas, sobretudo, da valorização das mulheres.

4.1.4 Democratização da informação étnico-racial para mulheres negras

No que diz respeito à quarta pergunta foi questionado: Como essa informação é democratizada para a população de mulheres negras a fim de cumprir os objetivos da organização em defesa da efetivação da cidadania plena, principalmente das mulheres negras? As entrevistadas assim se expressaram:

As ideias centrais do quarto bloco dos dados discursivos geraram três categorias relacionadas à democratização da informação étnico-racial para mulheres negras.

Categoria 7 – A democratização está ligada ao respeito à cultura;

Categoria 8 – A democratização está fortemente relacionada às tecnologias;

Categoria 9 – O poder da informação étnico-racial;

Discurso4: Eu acho que o processo de democratizar a informação tem muito da adequação da linguagem, é você ter o respeito, pelo lugar e pelo espaço que você atue. Também está ligada a questão da internet, a potencialidade do acesso que uma informação tem ao ser postada na rede. Toda informação que a gente sistematiza é trabalhada no sentido de fazer esse compartilhamento, na maior dimensão possível, pois a questão da informação deve ser vista como uma ferramenta política.

O discurso demonstra que a democratização de informações está diretamente ligada ao respeito com a cultura local, pois como afirma Marteleto (2002, p. 105),

[...] a informação se constitui como processo de elaboração de sentidos sobre as coisas e os sujeitos no mundo, o que a associa, de imediato, às formas de representação e de conhecimento, configurando-se como um fenômeno da esfera da cultura.

Esse ponto de vista expande a afirmação de que a democratização da informação é também organização [e tem] permanência temporal e espacial, sendo capaz de produzir memória mas, necessitando para isto, de meios, de uma pedagogia e de políticas, no sentido da escolha entre fontes, suportes e significados possíveis.

Nessa perspectiva, é possível considerar que a Bamidelê atua pela democratização de uma informação étnico-racial que permita sua expansão, propiciando a formação de pessoas e a inclusão de grupos sociais etnicamente desiguais. Isso é importante porque propicia o acesso ao material informacional produzido pela entidade e aumenta o potencial de produzir e/ou elucidar formas de conhecimento acerca das mulheres negras, visando à afirmação de sua identidade como condição fundamental para o exercício de uma cidadania plena.

Também é possível identificar a forte ligação “democratização e tecnologia”. Por meios das fontes web (*Facebook*, blog, twitter, e-mail e recém citado youtube), as informações produzidas pela Bamidelê são disseminadas em números antes inalcançáveis por algumas fontes tradicionais. Contribuindo para a “democratização da informação étnico-racial”, tem como finalidade possibilitar o acesso de negros(as) aos diversos tipos de informação, a fim de que se apropriem de conteúdos materiais e culturais produzidos pela

humanidade ao longo da história humana (vídeos promocionais da campanha “Moren@ não eu sou negr@” que circulou a nível nacional¹³).

No que se refere ao poder da informação étnico-racial, a organização tem o poder de ser um espaço de enfrentamento às diferenças e as injustiças sociais. Esta e outras entidades como ela são, por sua vez, agentes de “Combate ao racismo” e do “reconhecimento das comunidades negras”, nos vários meios que, a partir dessas missões, se tornam organizações que estimulam a solidarização com outras etnias, nas suas lutas por uma vida digna.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, buscou-se refletir a emblemática que gira em torno da organização de mulheres negras da Paraíba (Bamidelê). A partir da discussão dos conceitos de apropriação, disseminação, democratização e preservação foi possível uma maior compreensão dessa disciplina dentro do campo da Ciência da Informação.

Na Paraíba, existe uma conjuntura que desafia sistematicamente a garantia dos direitos humanos das mulheres negras, jovens e adolescentes, assim como o racismo mostra-se incrustado fortemente na sociedade. Para buscar desconstruir (ou minimizar) essas relações hierárquicas e assimétricas, entidades como a Bamidelê que disseminam informações necessárias para discutir abertamente as relações étnico-raciais na Paraíba são agentes transformadores dessa realidade.

Percebe-se que o trabalho iniciado pela Bamidelê vem levantando questões que fundamentam e dão força a luta contra o racismo e o sexismo. No entanto, é preciso continuar ampliando essa atuação, disseminando e democratizando informações, envolvendo mais pessoas e entidades, fortalecendo as parcerias, ocupando outros espaços para que sejam efetivados os direitos humanos das mulheres negras. Assim como, é fundamental sensibilizar as autoridades (governo, universidades, empresas) e a sociedade em geral para o enfrentamento ao racismo e ao sexismo, sobretudo o institucional, bem como difundir a luta pela sua superação.

O perfil das mulheres negras paraibanas reflete a luta de entidades como a Bamidelê, onde as mulheres são proativas, engajadas socialmente e conscientes do seu papel enquanto Mulher e Negra.

Os resultados mostraram que a apropriação, disseminação e democratização da informação étnico-racial pela Bamidelê, enquanto processos informacionais, são fundamentais para atingir os objetivos da instituição e se mostram como meios eficientes para incentivar a

¹³ Vídeos completos disponíveis em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=B1hqYU8HKgo>>. <http://www.youtube.com/watch?v=Io7PF_i_bUo>.
<<http://www.youtube.com/watch?v=R0BNGdQjM4M>>. <<http://www.youtube.com/watch?v=a9qjnTTvwkI>>.
<<http://www.youtube.com/watch?v=zldBQVQAdYE>>. <<http://www.youtube.com/watch?v=jRqLS0vuUUg>>.

promoção de uma informação étnico-racial em vários setores e públicos da sociedade em geral, desde as fontes de informação mais tradicionais até as mais tecnológicas e contemporâneas. Ao utilizar essa diversidade de fontes, a ONG possibilita e potencializa o acesso a um público diversificado e amplo, minimizando as barreiras, sejam elas de ordem geográfica, educacional, informacional, política, econômica e linguística.

A utilização da *web* como campo de luta pela entidade, na qual figura uma de suas principais fontes a rede social *Facebook*, tornou-se um espaço não apenas de disseminação de informações, mas de compartilhamento e troca, o que ajuda a minimizar o fato de que os canais tradicionais, também responsáveis por esse serviço, nem sempre chegam a atingir o grupo alvo da organização devido, principalmente, a sua situação de marginalização social, econômica e cultural. Nesse sentido, essas ferramentas facilitam o acesso as fontes de informação produzidas pelo grupo, colaborando, assim, para o seu fortalecimento e permanência.

Os resultados também mostram que todas as ações da Bamidelê são voltadas para as especificidades e particularidades da mulher negra, mesmo quando são convidadas a se pronunciarem sobre questões mais gerais como racismo, saúde, cotas, trabalho e outros, o que vem contribuindo, especialmente, para valorização, fortalecimento e construção de uma identidade negra feminina positiva. Assim, é possível dizer que as ações informacionais da organização contribuem para o respeito à cultura local, ao papel que essas mulheres ocupam/desempenham no contexto da sociedade e contribui para fortalecer a luta pela superação da discriminação de gênero, de raça/etnia e das diversas formas de desigualdades historicamente produzidas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Edvaldo Carvalho; AQUINO, Mirian de Albuquerque. A pesquisa qualitativa: origens, desenvolvimento e utilização nas dissertações do PPGCI/UFPB de 2008 a 2010. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.22, p. 79-100, Número Especial 2012.

AQUINO, Mirian de Albuquerque. **Processos de apropriação, organização, disseminação e democratização da informação no movimento negro da Paraíba**. (Projeto de Pesquisa) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2010.

ARAÚJO, Vânia Maria Rodrigues Hermes de. Estudos dos canais informais de comunicação técnica: seu papel na transferência de tecnologia e na inovação tecnológica. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 79-100, 1979. Disponível em: <<<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1530/1147>>. Acesso em 10 nov. 2013.

BAMIDELÊ. **Bamidelê**: organização de mulheres negras (blog). Disponível em: <<http://negrasbamidele.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Orgs). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador, conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Imprensa Oficial/UNESP, 1999.

_____. Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995. p. 179-192. Disponível em: <<http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005/1144>>. Acesso em: 20 out. 2010.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2001.

DEMO, Pedro. Ambivalências da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42, maio/ago. 2000.

FERNANDES, Ricardo Luiz da Silva. Movimento negro no Brasil: mobilização social e educativa afro-brasileira. **Revista África e Africanidades**, ano 2, n. 6, ago. 2009. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Movimento_Negro_no_Brasil.pdf>. Acesso em: 20 out. 2010.

FERREIRA, Rubens da Silva. A sociedade da informação no Brasil: um ensaio sobre os desafios do estado. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 36-41, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n1/15971.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Depois da democracia racial. **Tempo Social**: revista de sociologia da USP, v. 18, n. 2, p. 269-287, nov. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a14v18n2.pdf>>. Acesso: 20 ago. 2011.

IBGE. **Os negros e o acesso à educação**. Disponível em: <http://www.ressoar.org.br/dicas_cidadania_os_negros_eo_acesso_a_educacao.asp/>. Acesso em: 28 mar. 2013.

LARA, Marilda Lopes Ginez de; CONTI, Vivaldo Luiz. Disseminação da informação e usuários. **Revista de Ciência da Informação** São Paulo. v. 17, n. 3-4, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010288392003000300004&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 maio 2011.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O discurso do sujeito coletivo: um enfoque em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: UDUCS, 2003.

_____. O sujeito coletivo que fala. **Interface: comunicação, saúde, educação**, v. 10, n. 20, p. 517-24, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v10n20/17.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

MARTELETO, Regina Maria. Conhecimento e sociedade: pressupostos da antropologia da informação: In: AQUINO, Mirian de Albuquerque (Org.). **O campo da ciência da informação: gêneses, conexões e especificidades**. João Pessoa: Editora Universitária, 2002. p. 101-116.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2005.

MNPB. **Nossa História**. Disponível em: <<http://movimentonegropb.vilabol.uol.com.br/historico.htm>>. Acesso em 10 ago. 2010.

OLIVEIRA, Henry Pôncio Cruz de. **Afrodescendência, memória e tecnologia: uma aplicação do conceito de informação etnicorracial ao projeto "A Cor da Cultura"**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

RAMOS, Guerreiro Alberto. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

ROBREDO, Jaime. **Da ciência da informação revisitada: aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus, 2003.

RODRIGUES, Tatiane Consentino. Movimento negro, raça e política educacional. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005, Caxambu. **Anais eletrônicos...** Caxambu: ANPED, 2005. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt21/gt211249int.rtf>>. Acesso em: 11 maio 2011.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 41-62, 1996.

SERFATY-GARZON, Perla. L'Appropriation. In: SEGAUD, Marion; BRUN, Jacques; DRIANT, Jean-Claude (Dir.). **Dictionnaire critique de l'habitat et du logement**. Paris: Editions Armand Colin, 2003. p. 27-30.

SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. **Fontes de informação na web**: uso e apropriação da informação como possibilidade de disseminação e memória do Movimento Negro no Estado da Paraíba. 2010. 77 f. João Pessoa. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia), Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2010.

SILVA, T. D.; GOES, F. L. (Org.). Igualdade racial no Brasil: reflexões no ano internacional dos afrodescendentes: reflexões no ano internacional dos afrodescendentes. Brasília: Ipea, 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_igualdade_racialbrasil01.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2016.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Ação afirmativa e o combate ao racismo institucional no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 219-246, nov. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15560.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2011

SOUZA, Edinilsa Ramos et al. Construção dos instrumentos qualitativos e quantitativos. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves; SOUZA, Edinilsa Ramos. **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. Cap. 4, p. 133-156.

TOURAINÉ, Alain. **O retorno do actor**: ensaio de sociologia. Tradução de Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

TOURAINÉ, Alain; KHOSROKHAVAR, Farhad. **A busca de si**: diálogo sobre o sujeito. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

WASELFISZ, Júlio, Jacob. **Mapa da violência**: homicídio de mulheres no Brasil. Brasília: Virtual Books, 2015. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaviolencia_2015_mulheres.pdf>. Acessado em 28 abr. 2016.

WERSIG, Gernot; NEVELING, Ulrich. **Os fenômenos de interesse para a ciência da informação**. 2007. Disponível em: <<http://www.cid.unb.br/publico/setores/100/114/materiais/2007/1/Wersig_Neveling.pdf>>. Acesso: 21 out. 2010.